

A PRIMEIRA NAMORADA

MOACYR SCLiar

portuguessos.blogspot.com

O primeiro amor é inolvidável.

Banal, isso? Eu sei que é banal. Mas, em matéria de amor, não há como escapar de certas banalidades. É uma experiência comum, que todos compartilhamos, o sublime que parte do absolutamente corriqueiro. Hormônios circulando no sangue, poesia brotando dos olhos. É assim.

Mas, quando o tempo passa e chega o momento de recordar, desaparece todo o prosaico, fica apenas o transcendente, aquilo que nos deixa a um passo da imortalidade. Aquilo que nos une a todos, independentemente de nível social ou cultural, independentemente de nacionalidade ou de etnia.

Mais: qualquer lugar pode ser cenário para a paixão que brota. São Paulo ou Paris, a Verona de “Romeu e Julieta” ou a Porto Alegre de várias décadas atrás.

Quero falar de um primeiro amor porto-alegrense. O meu primeiro amor. “Primeiro amor” é, muitas vezes, uma questão de rótulo. Antes desse episódio eu já tinha me apaixonado várias vezes, inclusive por uma artista de cinema cujo nome já não lembro e cuja foto, cuidadosamente recortada da revista “Cruzeiro, eu beijava às escondidas.

Mas agora era para valer. Agora eu tinha chegado a uma idade mais que apropriada para viver um grande amor: 18 anos. E foi então que a conheci.

Era bonita ela? Nem tanto. Era simpática, sim, e tinha um riso cristalino, mas certamente não era nenhuma beldade. Aos olhos dos outros, pelo menos. Aos meus próprios olhos, era uma visão esplendorosa.

Não sei exatamente como começou; acho que não foi algo súbito, porque já nos conhecíamos. O certo é que de repente eu estava profundamente apaixonado. Tudo começou no escurinho do cinema, como era comum àquela época. A mão trêmula que avançava por trás da cadeira até tocar um cálido ombro; e, não havendo reação, o tímido abraço, que é o começo de tudo. Eu achava que aquele seria o grande amor de minha vida.

H

E ela? Não sei. Até hoje não sei. Estava, por alguma razão, dividida entre sentimentos ambivalentes. Às vezes, parecia amar-me muito; outras vezes, simplesmente me ignorava. Um enigma, pior do que aquele proposto a Édipo pela esfinge (a comparação deve ter alguma razão de ser, mas, como não estou no divã, não vou elaborá-la).

Entre a sístole e a diástole de seus sentimentos ambíguos, eu oscilava, ansioso, indo do céu ao inferno, às vezes no mesmo dia. Por Alegre, menor do que é hoje, era o cenário de nossos encontros: o cinema, o parque da Redenção, por onde passeávamos à noite (até hoje, quando caminho por ali e ouço o areão das aléias rangendo sob meus sapatos, lembro nossas caminhadas).

Lembro o primeiro beijo, no portão da modesta casa em que morava, numa antiga rua da cidade. Foi um beijo desajeitado, por certo, mas ardente o bastante para transportar-me de imediato ao céu. Saí dali como um personagem de filme, caminhando nas nuvens; e fui de imediato procurar os amigos: “Vocês não sabem o que aconteceu...”

A partir daí sucederam-se as brigas e as reconciliações. Ela acabou mudando-se de Porto Alegre, primeiro para São Paulo e depois para o exterior. Nunca mais a vi, mas era uma personagem constante em meus contos, mesmo depois de eu ter arranjado novas namoradas.

E aí veio, muitos anos depois, a oportunidade para o reencontro. Em Paris, onde ela estava vivendo, depois de se haver casado e divorciado. Eu estava na cidade para um encontro de escritores, e tinha seu endereço. Depois de vacilar muito, resolvi ir até lá.

O táxi me deixou diante de um grande prédio de apartamentos, no glamoroso 16º Arrondissement. Para minha decepção, não pude entrar. A porta principal estava fechada, não havia ninguém na recepção. Havia, sim, um porteiro eletrônico que permitiria o ingresso a quem conhecesse a senha, o que não era meu caso.

Decepcionado, resolvi voltar para o hotel.

Não tinha dado meia dúzia de passos quando avistei alguém encaminhando-se para o prédio. Uma moradora, certamente. Com a esperança de que me permitisse entrar (se necessário, eu faria um pequeno, mas candente, histórico de minha paixão), dirigi-me a ela “Madame...”, comecei, e de imediato me interrompo.

Era ela, a minha antiga namorada.

A mulher que eu tinha diante de mim era muito diferente da jovencinha que eu amara em Porto Alegre. Os anos, e possivelmente o sofrimento, tinham deixado suas marcas no rosto que antes me era tão familiar e amado,

e que agora me parecia diferente, estranho mesmo. Onde estava a minha namoradina, era a pergunta que me fazia, tomado de uma quase incontrolável angústia.

Ela também me olhava. E ela também se perguntava onde estava aquele rapazinho que uma noite, junto ao portão de sua casa, beijara-a com tanto fervor. Em suma: não era um encontro. Era um desencontro. Na cidade de Proust, estávamos ambos em busca do tempo perdido. Mas, diferentemente de Proust, não o acharíamos.

Ela convidou-me a subir. Em seu confortável e antigo apartamento, tomamos chá (sem madeleines) e conversamos sobre o passado. Mas era uma conversa inócua, formal, neutra. A paixão evidentemente tinha ficado para trás, sepultada sob anos de vivências diferentes.

Voltei para o hotel triste, mas ao mesmo tempo resignado. Eu não tinha redescoberto o amor, naquela tarde, mas tinha encontrado alguma coisa. O que, exatamente, não sei. A vida tem desses inquietantes e sublimes mistérios.

*Moacyr Scliar, 63, é escritor, colunista da Folha e autor de “A Mulher que Escreveu a Bíblia” (Companhia das Letras) e “A Majestade do Xingu” (idem), entre outros.
Folha de São Paulo 11/06/2000*

Vocabulário:

- **ambivalente** [] que apresenta sentimentos opostos.
- **areão** [] grande areal /aumento de areia).
- **candente** [] ardente, caloroso, arrebataador.
- **diástole** [] movimento de dilatação do coração, depois da fase de contração.
- **inócua** [] inofensiva, inocente.
- **inolvidável** [] inesquecível.
- **madeleines** [] pastéis à base de farinha, ovos e açúcar.
- **prosaico** [] comum, trivial, vulgar.
- **Proust** [] Marcel (1871 – 1922) escritor francês autor da obra à Procura do tempo Perdido” (7 volumes)
- **sístole** [] movimento de contração das fibras musculares do coração.
- **transcendente** [] elevado ao máximo, superior, sublime.

01. O primeiro amor:

- I) **está vinculado à primeira experiência amorosa.**
- II) **provoca sentimentos contraditórios e confusos.**
- III) **fica retido eternamente na memória.**
- IV) **exige como cenário locais românticos e acolhedores.**
- V) **envolve também práticas banais e corriqueiras.**
- VI) **inspira expressões poéticas e sublimes.**

De acordo com o texto estão CORRETOS:

- A) todos os itens.
- B) os itens I, II e VI.
- C) apenas os itens II e V.
- D) os itens II, III, V e VI.
- E) apenas os itens I e IV.

Resposta: Letra D

02. “Mas agora era para valer. Agora eu tinha chegado a uma idade mais que apropriada para viver um grande amor: 18 anos.”

Na visão do narrador, o amor para “valer” pressupõe, principalmente:

- A) eternidade
- B) legalidade
- C) maturidade
- D) intensidade
- E) possibilidade

Resposta: Letra C

03. Leia:

“Aquilo que nos une a todos, independentemente de nível social ou cultural, independentemente de nacionalidade ou de etnia.”

A melhor interpretação para a passagem destacada está em:

- A) amor, sentimento sublime e soberano, integra a todos, pobres e ricos, cultos e incultos, nacionais e estrangeiros, sem discriminação de raças, crenças e ideais.
- B) Aquilo que elimina as diferenças sociais, as culturas e as etnias é o amor, sentimento transcendental, sublime e prosaico.
- C) Somos todos unidos pelo amor, este sentimento capaz de transformar as diferenças sociais, elevar o nível cultural e desconhecer nacionalidades e etnias.
- D) Independentemente, somos tocados pelo amor, sem distinção do nível sócio-cultural ou financeiro, raça ou religião.
- E) A união de todos os seres humanos depende exclusivamente do amor, este sentimento que derruba fronteiras e vence o preconceito.

Resposta: Letra A

04. Em sua narrativa, o autor só não:

- A) sugere a inutilidade do amor.
- B) confessa a prática de atos furtivos.
- C) reconhece o limite na relação a dois.
- D) refere-se a personagens literárias.
- E) menciona figuras mitológicas.

Resposta: Letra A

05. “... não era nenhuma beldade. Aos olhos dos outros, pelo menos. Aos seus próprios olhos, era uma visão esplendorosa.”

À passagem destacada acima pode se eliminar a aplicação do seguinte provérbio:

- A) Quem o feio ama, bonito lhe parece.
- B) Aos olhos do amor, urubu é condor.
- C) amor remove montanhas e anula a visão de quem ama.
- D) Quem é alvo do amor sempre terá mimo, beleza e louvor.
- E) Para quem ama, desafio é sobremesa, perigo é diversão.

Resposta: Letra E

06. “Entre a sístole e a diástole de seus sentimentos ambíguos...”

Sístole e diástole marcariam todas as oposições abaixo, EXCETO:

- A) rejeição x acolhimento
- B) briga x reconciliação
- C) indiferença x paixão
- D) ignorância x atenção
- E) enigma x lucidez

Resposta: Letra E

07. “... Foi um beijo desajeitado, por certo, mas ardente o bastante para transportar-me de imediato ao céu.”

A expressão destacada remeteria:

- A) ao acontecimento imprevisível
- B) à novidade da ação
- C) à situação indesejada
- D) à ocorrência frustrante
- E) ao ato involuntário

Resposta: Letra B

08. “... estávamos ambos em busca do tempo perdido. Mas, diferentemente de Proust, não o acharíamos”.

A impossibilidade de que o narrador fala só não encontra apoio em:

- A) “A mulher que eu tinha diante de mim era muito diferente da jovencinha que eu amara em Porto Alegre.”
- B) “Os anos, e possivelmente o sofrimento, tinham deixado suas marcas no rosto que antes me era tão familiar e amado...”
- C) “A paixão evidentemente tinha ficado para trás, sepultada sob anos de vivências diferentes.”
- D) “Mas era uma conversa inócua, formal, neutra.”
- E) “Em seu confortável e antigo apartamento, tomamos chá e conversamos sobre o passado.”

Resposta: Letra B

09. “Onde estava a minha namoradinha, era a pergunta que me fazia, tomado de uma quase incontrolável angústia.”

“Ela também me olhava. E ela também se perguntava onde estava aquele rapazinho que uma noite, junto ao portão de sua casa, beijara-a com tanto fervor.”

Há nos seguimentos destacados, EXCETO:

- A) decepção mútua
- B) desencanto e frustração
- C) jogo de sedução
- D) constatação do desamor
- E) lembranças do passado

Resposta: Letra C

10. Reflita sobre o final do texto:

“Eu não tinha redescoberto o amor, naquela tarde, mas tinha encontrado alguma coisa. O que, exatamente, não sei. A vida tem desses inquietantes e sublimes mistérios.”

E responda: que mistério é esse, ou melhor, o que o autor pôde ter descoberto naquele dia?

Redija um parágrafo de 5 a 8 linhas manifestando sua opinião.

Resposta: Pessoal do aluno.